

Jovens no pós-secundário em 2014

Susana Fernandes, Joana Duarte e Luísa Canto e Castro

Caracterização

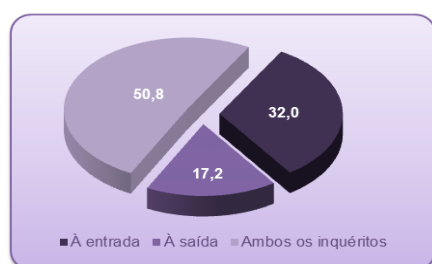
O inquérito “jovens no pós-secundário – 2014” foi aplicado universo de estudantes que responderam aos inquéritos “à entrada do secundário 2010-2011” e “à saída do secundário 2012-2013”. Este inquérito foi aplicado 14 meses após a data prevista de conclusão do ano letivo 2012-2013.

Participaram neste inquérito 19.406 inquiridos de um universo de 60.467 jovens (representando 32,1% do universo inicial), abrangendo 758 escolas públicas e privadas de Portugal continental.

Como o inquérito é aplicado numa lógica de análise longitudinal de acompanhamento dos estudantes no decurso do ensino secundário e posterior inserção escolar e profissional no pós-secundário, o universo de inquiridos é constituídos por jovens que responderam ou ao inquérito à entrada, ou ao inquérito à saída ou a ambos os inquéritos – à entrada e à saída do secundário.

Quando se observa o ano escolar dos inquéritos aplicados anteriormente constata-se que no total de respondentes, 82,8% responderam ao inquérito à entrada, 68,0% responderam à saída, sendo que 50,8% dos jovens inquiridos respondeu no 10.º e 12.º ano (Figura 1).

Figura 1 – Respondentes segundo o inquérito anterior (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2014.

Tendo em conta que o número de alunos que responderam ao inquérito à entrada do secundário (50194) é 1,33 vezes superior ao número de alunos que responderam ao inquérito à saída (37741), as percentagens atrás indicadas traduzem de facto uma maior propensão para responder ao inquérito do pós-secundário entre os estudantes que responderam ao inquérito à saída do secundário.

Analisando-se a taxa de participação no inquérito “jovens no pós-secundário” constata-se que para ambos os tipos de certificação, o envolvimento dos alunos foi mais elevado em cerca de 8% para os que responderam ao inquérito à saída do secundário comparativamente com os que responderam apenas ao inquérito à entrada (para os dos CCH 40,5% face a 33,2% e os dos CPQ 25,9% face a 17,9%).

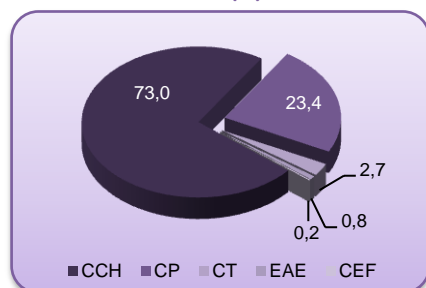
Figura 2 – Taxa de participação no inquérito por último momento de inquirição no secundário, segundo o tipo de certificação frequentado (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2014, Estudantes à entrada do secundário em 2010/2011 e Estudantes à saída do secundário em 2012/2013.

Analisando-se os inquiridos por modalidade de ensino e formação frequentada no ensino secundário constata-se que, 73,0% dos jovens estavam num curso científico-humanístico (CCH) e 23,4% num curso profissional (CP) (Figura 3).

Figura 3 – Jovens por modalidade de ensino e formação frequentada no secundário (%)



Nota:

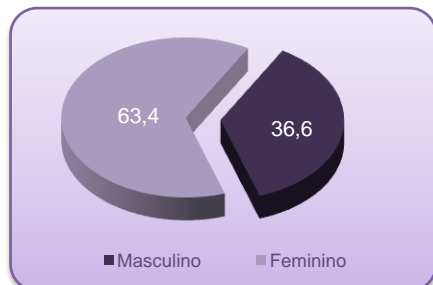
EAE – Ensino Artístico Especializado, CCH - Cursos Científico-Humanísticos, CP – Cursos Profissionais, CEF – Cursos de Educação e Formação. CT – Cursos Tecnológicos.

Fonte:

DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2014.

A distribuição por sexo revela que 63,4% dos respondentes são raparigas e 36,6% rapazes. Isto revela uma maior taxa de participação das raparigas dado que no universo de contactados a distribuição era mais uniforme (53,2% de raparigas e 46,8% de rapazes), (Figura 4).

Figura 4 – Jovens no pós-secundário por sexo (%)

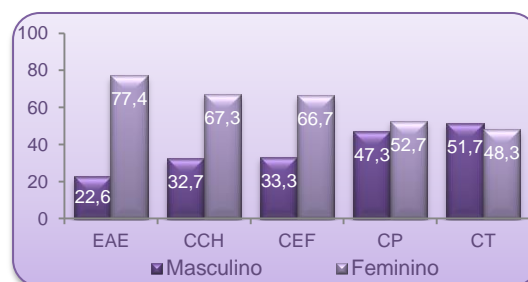


Fonte:

DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário em 2014.

Por modalidade de ensino verifica-se que no ensino artístico especializado (EAE) (77,4% face a 22,6% de rapazes), nos cursos científico-humanísticos (67,3% face a 32,7%) e nos cursos de educação e formação (CEF) (66,7% face a 33,3%) são as raparigas as que mais responderam ao questionário. Apesar da ligeira diferença, nos cursos tecnológicos (CT) foram os rapazes que mais responderam (51,7% face a 48,3%) (Figura 5).

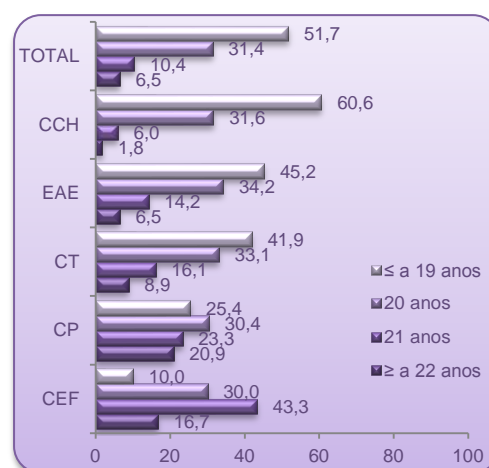
Figura 5 – Jovens segundo a modalidade frequentada no secundário, por sexo (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

A maioria dos jovens tem uma idade igual ou inferior a 19 anos (51,7%), seguindo-se os que têm 20 anos (31,4%) (Figura 6).

Figura 6 - Jovens segundo a modalidade frequentada no secundário, por distribuição etária (%)



Nota:

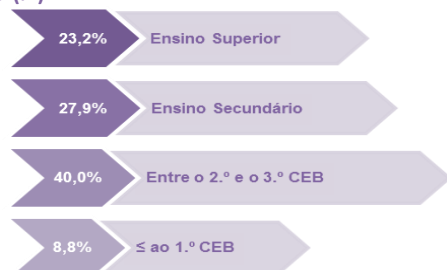
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Se por um lado, os que frequentaram os cursos científico-humanísticos (60,6%), o ensino artístico especializado (45,2%) e os cursos tecnológicos (41,9%) são os mais novos, numa situação inversa encontram-se os inquiridos que frequentaram um curso de educação e formação ou um curso profissional que apresentam maioritariamente idade igual ou superior a 20 anos (90,0% e 74,6% respetivamente).

Analisando o nível de escolaridade das famílias dos inquiridos observa-se que 48,8% obtiveram, no máximo, o 3.º ciclo, seguindo-se 27,9% com

o ensino secundário e 23,2% com ensino superior (Figura 7).

Figura 7 – Jovens por nível de escolaridade dominante na família (%)



Nota:

(1) CEB – Ciclo do ensino básico

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Mais de metade das famílias dos jovens que frequentaram o ensino artístico especializado (78,9%) e os cursos científico-humanísticos (57,5%) possuem habilitações escolares ao nível do ensino secundário ou superior (Quadro 1).

Quadro 1 - Jovens segundo a modalidade frequentada no secundário, por nível de escolaridade dominante na família (%)

NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOMINANTE NA FAMÍLIA	CCH	CT	EAE	CEF	CP
≤ ao 1.º CEB	6,3	12,2	0,7	20,0	16,9
Entre o 2.º e o 3.º CEB	36,3	46,1	20,4	33,3	52,3
Ensino Secundário	29,4	27,0	34,7	36,7	23,1
Ensino Superior	28,1	14,8	44,2	10,0	7,7
Total	100	100	100	100	100

Nota:

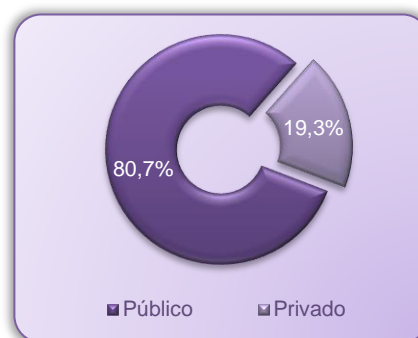
(1) CEB – Ciclo do ensino básico

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Por outro lado, a maioria das famílias dos inquiridos dos cursos profissionais e dos cursos tecnológicos têm habilitações escolares que não excedem o 3.º ciclo do ensino básico (69,2% e 58,3%).

O ensino público foi o tipo de estabelecimento frequentado pela maioria (80,7%) dos respondentes (Figura 8).

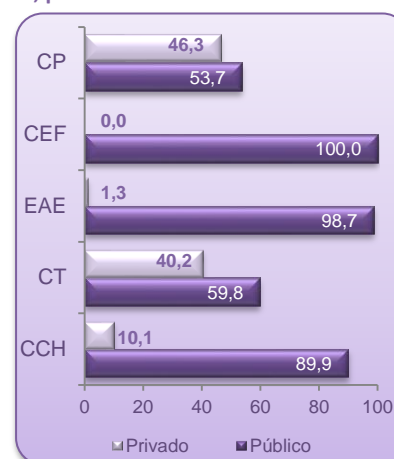
Figura 8 – Jovens por natureza do estabelecimento de ensino frequentado no secundário (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

A distribuição entre ensino público e privado é mais uniforme para os jovens dos cursos profissionais e dos cursos tecnológicos (Figura 9).

Figura 9 – Jovens segundo a modalidade frequentada no secundário, por natureza do estabelecimento de ensino (%)



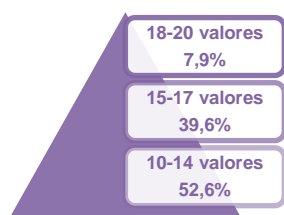
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

O mesmo não acontece no caso dos que frequentaram um curso de educação e formação, uma vez que todos eles fizeram-no no ensino público, assim como a maioria dos jovens do ensino artístico especializado (98,7%) e dos cursos científico-humanísticos (89,9%).

A média das classificações é um requisito que vai assumindo importância no decurso do ensino secundário, especialmente para os jovens que pretendem prosseguir estudos e se candidatam ao ensino superior.

Apesar da importância da média final de classificações no secundário, apenas 7,9% dos jovens inquiridos obtiveram uma média de excelência escolar, entre os 18 e 20 valores (Figura 10). Para 52,6% dos jovens, a média variou entre os 10 e os 14 valores, seguindo-se os que obtiveram uma média entre os 15 e os 17 valores (39,6%).

Figura 10 – Jovens segundo a média das classificações no secundário (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

As diferenças são assinaláveis quando se realiza uma análise por modalidade de ensino. Se para os inquiridos dos cursos tecnológicos e dos cursos científico-humanísticos a média se situa entre os 10 e os 14 valores (59,8% e 53,7%), para os dos cursos de educação e formação e do ensino artístico especializado varia entre os 15 e os 17 valores (75,0% e 55,3%) (Quadro 2).

Quadro 2 – Jovens segundo a modalidade frequentada no secundário, por média das classificações no secundário (%)

MÉDIA DAS CLASSIFICAÇÕES	CT	CCH	CP	EAE	CEF
10-14 valores	59,8	53,7	48,9	34,0	25,0
15-17 valores	35,6	37,0	47,8	55,3	75,0
18-20 valores	4,6	9,4	3,3	10,6	-
Total	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

De salientar que, por um lado, os jovens inquiridos dos cursos profissionais, onde a média das classificações se reparte entre os 10 e os 14 valores (48,9%) e os 15 e os 17 valores (47,8%), por outro, os do ensino artístico especializado e dos cursos científico-humanísticos são os que mais obtêm notas de excelência escolar (10,6% e 9,4%).

Trajetos no pós-secundário

O ensino secundário é um nível de ensino que assume extrema importância na vida dos estudantes, uma vez que o desempenho escolar obtido constitui um fator fundamental na construção de expectativas escolares e profissionais. Este inquérito é aplicado 14 meses após a data esperada para a conclusão do ensino secundário e visa analisar os trajetos escolares e/ou profissionais dos jovens após a conclusão do ensino secundário.

Ao questionarmos os jovens dos cursos científico-humanísticos sobre a atividade que estavam a realizar no momento da inquirição verificamos que 81,3% encontravam-se exclusivamente a estudar, 6,4% a estudar e trabalhar e 5,5% apenas a trabalhar (Figura 11).

Figura 11 – Jovens dos cursos científico-humanísticos por atividade realizada no pós-secundário (%)

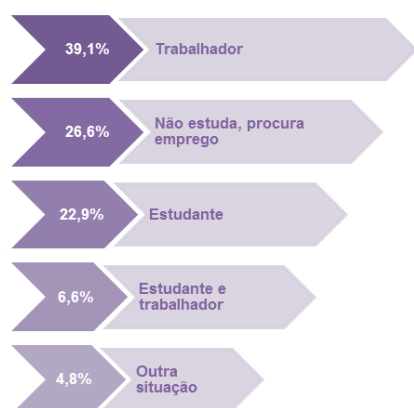


Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Quando se analisa a atividade realizada pelos jovens que frequentavam um curso profissional as diferenças são enormes, existindo uma maior dispersão pelas categorias. A inserção no mercado de trabalho é uma prioridade para estes jovens verificando-se que 39,1% encontra-se a trabalhar e 26,6% não trabalha, mas procura emprego. Apenas 22,9% destes inquiridos referem estar a estudar no momento da inquirição e 6,6% a trabalhar e estudar (Figura 12). Estes dados comparativamente

com os recolhidos em 2013 refletem um aumento da percentagem de jovens oriundos um curso profissional e se encontravam a trabalhar (31,2%) e uma redução nos que estavam à procura de trabalho (31,2%).

Figura 12 – Jovens dos cursos profissionais por atividade realizada no pós-secundário (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Se para os jovens dos cursos científico-humanísticos a primazia é dada ao prosseguimento de estudos, no caso dos que frequentaram um curso profissional é dada primazia à integração no mercado de trabalho, o que não é de estranhar uma vez que concluem o ensino secundário com um diploma profissional.

Quando se compara entre as diversas modalidades de ensino verificou-se que quem mais prosseguiu estudos foram os jovens que frequentaram um curso científico-humanístico (81,3%), um curso de educação e formação (73,3%) e o ensino artístico especializado (65,8%) (Quadro 3). Face ao inquérito realizado em 2013, verificamos que o número de inquiridos dos cursos científico-humanísticos (85,8%) e do ensino artístico especializado (69,2%) que estavam a estudar diminuiu e os que frequentavam cursos de educação e formação tiveram um aumento (68,8%).

Quadro 3 – Jovens segundo a modalidade frequentada no secundário, por atividade realizada no pós secundário (%)

ATIVIDADE REALIZADA	CCH	CEF	EAE	CT	CP
Estudante	81,3	73,3	65,8	49,3	22,9
Estudante e trabalhador	6,4	6,7	11,6	8,9	6,6
Trabalhador	5,5	16,7	15,5	21,3	39,1
Não estuda, procura emprego	4,8	3,3	4,5	16,9	26,6
Outra situação	2,0	0,0	2,6	3,6	4,8
Total	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os jovens que frequentaram um curso profissional em 2012/13 são aqueles que mais se encontravam a trabalhar em outubro de 2014 (39,1%) ou que estavam à procura de trabalho (26,6%). Os inquiridos que mais se encontravam numa situação de trabalhadores-estudantes são os do ensino artístico especializado (11,6%) e os dos cursos tecnológicos (8,9%).

Analisando a atividade desenvolvida pelos jovens e o nível de escolaridade dominante na família observa-se que quanto mais elevado é o nível de escolaridade dominante na família, mais os inquiridos referem estar a estudar ($\leq 1.^\circ$ CEB – 43,5% e ensino superior – 86,7%) (Quadro 4).

Quadro 4 – Jovens segundo o nível de escolaridade dominante na família, por atividade realizada (%)

ATIVIDADE REALIZADA	$\leq 1.^\circ$ CEB	ENTRE O 2.º E O 3.º CEB	ENSINO SECUNDÁRIO	ENSINO SUPERIOR
Estudante	43,5	57,9	72,3	86,7
Trabalhador	27,0	19,1	9,8	3,3
Não estuda, procura emprego	19,8	13,8	7,6	2,6
Estudante e trabalhador	6,3	6,0	7,5	6,1
Outra situação	3,4	3,2	2,7	1,3
Total	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Numa situação inversa encontram-se os jovens que estão a trabalhar ($\leq 1.^\circ$ CEB – 27,0% e ensino superior – 3,3%) e os que estão à procura de emprego ($\leq 1.^\circ$ CEB – 19,8% e ensino superior – 2,6%). Comparativamente aos dados de 2013, a percentagem de jovens

oriundos de famílias com menos habilitações escolares que se encontravam a trabalhar (19,4%) aumentou.

Sendo a média das classificações um fator de extrema importância quando os jovens pretendem prosseguir estudos, é sem surpresas que se constata que quanto mais elevada é a média das classificações, mais os jovens optam por continuar a estudar (entre 18 e 20 valores – 90,4% e entre 15 e 17 valores – 71,1%) (Quadro 5). Face a 2013, estes resultados mostram um pequeno decréscimo nas médias dos inquiridos que se encontravam a estudar (92,7% entre os 18 e 20 valores e 76,6% entre os 15 e 17 valores).

Quadro 5 – Jovens segundo a média das classificações no secundário, por atividade realizada (%)

ATIVIDADE REALIZADA	10-14	15-17	18-20
Estudante	62,9	71,1	90,4
Trabalhador	14,5	13,6	4,2
Não estuda, procura emprego	12,3	7,6	1,3
Estudante e trabalhador	6,9	5,6	3,4
Outra situação	3,5	2,1	0,7
Total	100	100	100

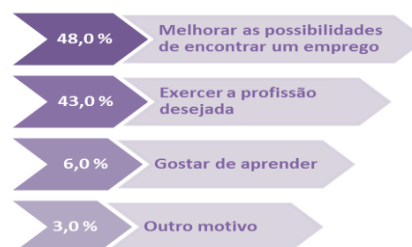
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os jovens cujas médias das classificações são mais baixas encontravam-se a trabalhar (10-14 valores – 14,5%), à procura de emprego (10-14 valores – 12,3%) ou numa situação de trabalhador-estudante (10-14 valores – 3,5%). Os dados recolhidos em 2013 demonstram um aumento dos inquiridos cujas médias das classificações são mais baixas e se encontram a trabalhar (10-14 valores – 10,7%).

Trajeto escolar no pós-secundário

Independentemente de estarem ou não a trabalhar, 62,8% dos jovens inquiridos encontravam-se a estudar em níveis de ensino pós-secundários. As razões mais apontadas para o prosseguimento de estudos são a melhoria da possibilidade de encontrar um emprego (48,0%) e poder exercer a profissão desejada (43,0%) (Figura 13). As outras razões representam apenas por 3,0% de inquiridos.

Figura 13 – Jovens por razão para o prosseguimento de estudos (%)



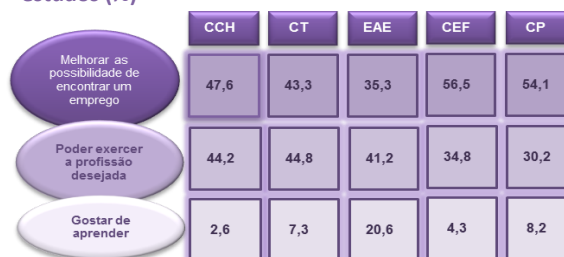
Nota:

(1) N=12199

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os jovens dos cursos de educação e formação e dos cursos profissionais afirmam ter continuado a estudar para melhorar as possibilidades de emprego (56,5% e 54,1% (Figura 14). Por seu lado, os do ensino artístico especializado são os que mais consideraram prosseguir estudos para exercerem a profissão desejada e porque gostam de estudar (41,2% e 20,6%).

Figura 14 – Jovens segundo a modalidade frequentada no secundário, por principal razão para o prosseguimento de estudos (%)



Nota:

(1) N=12191

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os inquiridos provenientes de famílias onde os níveis de escolaridade são mais reduzidos consideraram que continuar a estudar facilita a procura de um emprego ($\leq 1.^\circ$ CEB – 50,1% e ensino superior – 43,1%) (Figura 15).

Quadro 15 – Jovens segundo o nível de escolaridade dominante na família, por principal razão para o prosseguimento de estudos (%)



Nota:

(1) N=11869

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os jovens oriundos de famílias com recursos escolares mais elevados são os que mais valorizaram o facto de poderem exercer a profissão desejada ($\leq 1.^\circ$ CEB – 40,9% e ensino superior – 46,4%) e os que mais gostam de estudar (5,9% e 8,0%, respetivamente).

As diferenças também são visíveis quando se analisa as razões para prosseguirem estudos segundo a média de classificações. Quanto mais elevada a média das classificações dos inquiridos (entre 18 e 20 valores) mais estes admitem que continuaram a estudar para poderem exercer a profissão desejada (54,3%), porque os amigos também prosseguiram estudos (11,8%) e porque gostam de aprender (10,6%) (Figura 16).

Figura 16 – Jovens segundo a média das classificações no secundário, por principal razão para o prosseguimento de estudos (%)



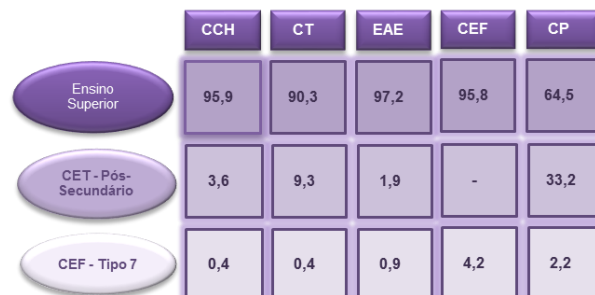
Nota:

(1) N=11813

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os jovens cuja média das classificações é mais baixa consideraram o prosseguimento de estudos como uma possibilidade facilitadora de encontrar um emprego (10-14 valores – 52,4%). Analisando a formação frequentada, verifica-se que os inquiridos que mais optam pelo ensino superior são os do ensino artístico especializado (97,2%), dos cursos científico-humanísticos (95,9%) e dos cursos de educação e formação (95,8%) (Figura 17). Quem mais frequenta os cursos de especialização tecnológica são os jovens oriundos de um curso profissional (33,2%) ou de um curso tecnológico (9,3%).

Figura 17 – Jovens segundo a modalidade frequentada no secundário, por formação frequentada no pós-secundário (%)



Nota:

(1) N=12657

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

As áreas de estudo mais frequentadas pelos jovens que prosseguiram estudos pós-secundários são: ciências sociais, comércio e direito (28,6%), saúde e proteção social (19,8%), engenharia, indústrias transformadoras e construção (14,6%), ciências, matemática e informática (12,4%) e artes e humanidades (11,7%) (Figura 18).

Figura 18 – Jovens que prosseguiram estudos pós-secundários, por área de estudo (%)



Nota:

(1) N= 12128

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os respondentes que frequentavam o ensino superior escolheram maioritariamente as áreas de ciências sociais, comércio e direito (29,3%), saúde e proteção social (20,4%) e engenharia, indústrias transformadoras e construção (14,6%) (Figura 19).

Figura 19 - Jovens por área de estudo no ensino superior (%)



Nota:

(1) N=11339

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Apesar da área de ciências sociais, comércio e direito (29,3%) ser também a mais escolhida pelos jovens que frequentavam um curso especialização profissional, estes tendem a optar mais pelas áreas dos serviços (17,4%) e das ciências, matemática e informática (17,0%) (Figura 20).

Figura 20 – Jovens por área de estudo nos cursos de especialização profissional (%)



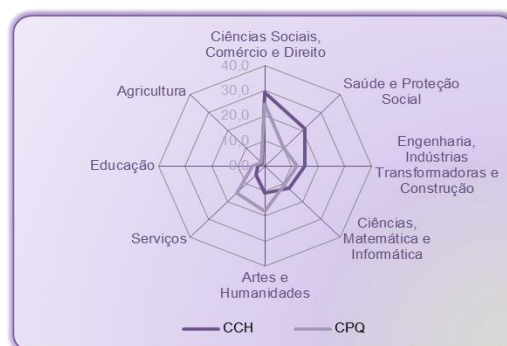
Nota:

(1) N=789

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Com exceção da área das ciências sociais, comércio e direito, uma análise por tipo de certificação no secundário revela diferenças nas escolhas dos jovens (Figura 21).

Figura 21 – Jovens segundo tipo de certificação no secundário, por área de estudo (%)



Nota:

(1) N=12120

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Enquanto os dos cursos científico-humanísticos optaram mais por áreas como saúde e proteção social (21,1%) e engenharia, indústrias transformadoras e construção (15,0%), os dos cursos profissionalmente qualificantes revelaram maior gosto pelas artes e humanidades (18,1%) e pelos serviços (15,1%). O curso ou formação a seguir no pós-secundário é uma escolha complexa e determinante no futuro escolar e profissional dos jovens. A possibilidade de desempenhar a profissão desejada (45,1%), ser o curso que gostariam de estudar (38,4%), oferecer boas oportunidades de emprego (32,4%) e ter qualidade (24,7%) motivou a escolha do curso frequentado (Figura 22).

Figura 22 – Jovens por razões para a escolha do curso ou formação (%)



Nota:

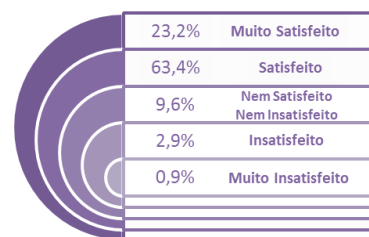
(1) N=12591

(2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Quando questionados sobre a sua satisfação com o percurso escolar no pós-secundário, a maioria dos inquiridos referiu estar satisfeito (63,4%) ou muito satisfeito (23,2%) (Figura 23).

Figura 23 – Grau de satisfação face ao trajeto escolar pós-secundário (%)



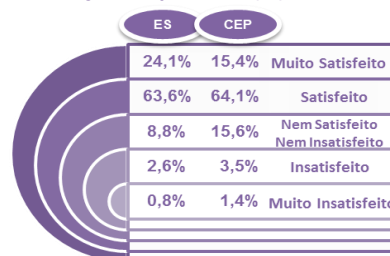
Nota:

(1) N=10278

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os que frequentam o ensino superior são os que se encontram mais satisfeitos com o seu percurso escolar comparativamente com os dos cursos de especialização profissional (87,7% e 79,5%) (Figura 24). De destacar que os jovens que frequentam os cursos de especialização profissional são os que mais revelam uma posição neutra (15,6% e 8,8%).

Figura 24 – Grau de satisfação face ao trajeto escolar, segundo formação frequentada (%)



Nota:

(1) N=12589

(2) ES – Ensino Superior; CEP – Cursos de Especialização Profissional.

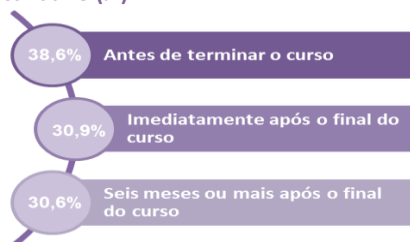
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Trajeto profissional

Dos jovens inquiridos, 30,1% estavam a trabalhar no momento da inquirição ou já tinham trabalhado nos 14 meses anteriores, independentemente de estarem ou não a estudar. Estes dados revelam que existiam mais jovens a trabalhar comparativamente com os recolhidos em 2013 (26,6%).

Apesar de existir uma dispersão muito uniforme entre os diversos momentos de inserção profissional, 38,6% iniciaram a sua atividade antes de terminarem o ensino secundário e 30,9% imediatamente após terminarem o ano letivo (Figura 25).

Figura 25 – Momento de inserção profissional dos jovens no pós-secundário (%)



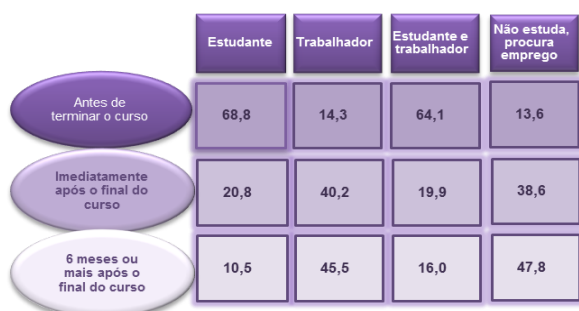
Nota:

(1) N=5848

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Analisando o momento de inserção profissional por atividade desempenhada verifica-se que existem grandes diferenças. Os inquiridos que se encontravam numa situação de estudante ou trabalhador estudante são os que mais começaram a trabalhar antes de terminarem o ensino secundário (68,8% e 64,1%) (Figura 26).

Figura 26 – Momento de inserção profissional dos jovens segundo atividade realizada (%)



Nota:

(1) N=5848

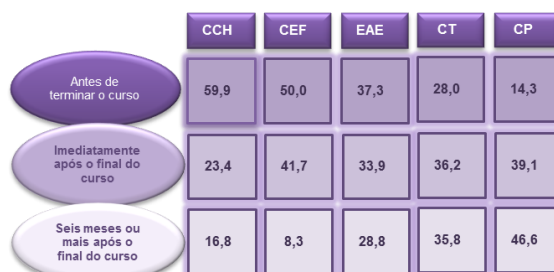
Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Para os jovens que trabalhavam ou que estavam à procura de emprego, a integração no mercado de trabalho dá-se maioritariamente seis ou mais meses após terminarem o 12.º ano (45,5% e 47,8%) ou imediatamente após a sua conclusão (40,2% e 38,6%).

Quem mais começou a trabalhar antes de concluir o ensino secundário são os dos cursos científico-humanísticos (59,9%) e dos cursos de educação e formação (50,0%) (Figura 27).

Numa situação inversa encontram-se os dos cursos profissionais e dos cursos tecnológicos, sendo os que mais começaram a trabalhar seis ou mais meses após o final do curso (46,6% e 35,8%) ou imediatamente após o final do curso (39,1% e 36,2%).

Figura 27 – Momento de inserção profissional dos jovens segundo a modalidade frequentada no secundário (%)



Nota:

(1) N=5843

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

A inserção dos jovens no mercado de trabalho dá-se maioritariamente através da ajuda de amigos e/ou familiares (30,6%) e da realização de candidaturas espontâneas (27,9%) (Quadro 6).

Quadro 6 – Jovens segundo o tipo de certificação no secundário, por forma de inserção profissional (%)

	Total	CCH	CPQ
Com a ajuda de amigos e/ou familiares	30,6	34,6	26,4
Candidatura espontânea	27,9	29,4	26,2
Resposta a um anúncio (que não um concurso público)	9,3	10,2	8,3
Colocação na empresa onde fiz estágio	7,5	3,1	12,3
Inscrição numa agência de trabalho temporário	6,5	7,5	5,5
Inscrição no centro de emprego	6,2	3,0	9,5
Inscrição num concurso público	2,2	2,5	1,8
Criação de um negócio, sozinho ou com outros	2,1	2,5	1,7
Através da ajuda de professores	1,2	0,4	2,0
Outro meio	6,5	6,7	6,4
Total	100	100	100

Nota:

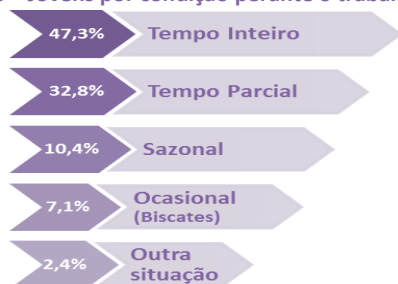
(1) N=5864

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Tendo em consideração que o ensino profissional tem como objetivo a integração no mercado de trabalho e tem no currículo a realização de estágios profissionais, é expectável que os jovens dos cursos profissionalmente qualificantes sejam os que mais ficam a trabalhar nas empresas onde realizam o seu estágio (12,3%) e consigam o trabalho através da inscrição no centro de emprego (9,5%).

Analisando a condição perante o trabalho observa-se que 47,3% se encontravam a trabalhar a tempo inteiro, 32,8% a tempo parcial e 10,4% por um período sazonal (Figura 28).

Figura 28 – Jovens por condição perante o trabalho (%)



Nota:

(1) N=5861

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os inquiridos que frequentaram os cursos profissionais, os cursos tecnológicos e os cursos de educação e formação trabalhavam maioritariamente a tempo inteiro (67,8%, 51,8% e 50,0%), enquanto os do ensino artístico especializado e dos cursos científico-humanísticos são os que mais trabalhavam a tempo parcial (Quadro 7).

Quadro 7 – Jovens segundo a modalidade frequentada no secundário, por condição perante o trabalho (%)

MODALIDADE FREQUENTADA	CCH	CT	EAE	CEF	CP
Tempo inteiro	30,0	51,8	32,2	50,0	67,8
Tempo parcial	41,3	33,0	39,0	33,3	22,4
Sazonal	16,3	7,8	11,9	8,3	3,7
Ocasional (biscates)	9,9	6,0	15,3	8,3	3,8
Outra situação	2,5	1,4	1,7	0	2,4
Total	100	100	100	100	100

Nota:

(1) N=5856

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Importa ainda referir que são os inquiridos do ensino artístico especializado e dos científico-humanísticos que mais realizaram trabalho sazonal (11,9% e 16,3%) e trabalho esporádico (15,3% e 9,9%).

Os jovens que trabalhavam faziam-no maioritariamente a tempo inteiro (66,8%), indo ao encontro do que seria expectável. Os 10,4% de inquiridos que trabalham sazonalmente e os 7,1% esporadicamente (Figura 28), são na sua maioria estudantes (74,8% e 51,8%) e trabalhadores estudantes (9,5% e 28,9%) (Quadro 8).

Quadro 8 – Jovens segundo atividade realizada, por condição perante o trabalho (%)

ATIVIDADE REALIZADA	Estudante	Trabalhador	Estudante e trabalhador	Não estuda, procura emprego	Total
Tempo inteiro	13,1	66,8	7,8	12,3	100
Tempo parcial	27,9	26,2	35,6	10,3	100
Sazonal	74,8	4,9	9,5	10,8	100
Ocasional (biscates)	51,8	6,9	28,9	12,4	100
Outra situação	38,1	29,5	15,8	16,5	100

Nota:

(1) N=3808

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Quando se questiona qual a profissão desempenhada pelos jovens constata-se que 48,5% estavam inseridos no grande grupo profissional do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores”, 10,7% no “pessoal administrativo”, 10,5% nos “técnicos e profissionais de nível intermédio” e 9,9% nos “trabalhadores não qualificados” (Quadro 9).

Quadro 9 – Jovens segundo o nível de escolaridade dominante na família, por grande grupo profissional do jovem (%)

GRANDE GRUPO PROFISSIONAL DO JOVEM	Total	≤ ao 1.º CEB	Entre o 2.º e o 3.º CEB	Ensino Secundário	Ensino Superior
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos	4,5	5,3	4,9	3,5	4,4
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	3,1	1,0	2,0	4,0	7,3
Técnicos e profissionais de nível intermédio'	10,5	8,9	10,6	10,5	11,8
Pessoal administrativo	10,7	10,0	10,8	11,2	10,5
Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	48,5	47,3	45,7	52,4	51,5
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	1,6	1,1	1,5	2,0	1,5
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificies	8,9	11,0	11,8	5,2	4,5
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	2,2	3,6	2,8	1,3	0,7
Trabalhadores não qualificados	9,9	11,7	10,0	9,9	8,0
Total	100	100	100	100	100

Nota:

(1) N=4886

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

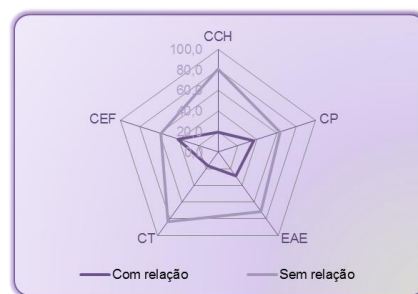
As diferenças por nível de escolaridade dominante na família não são muito grandes, verificando-se no entanto que os inquiridos provenientes de famílias com habilitações escolares mais elevadas tendem a exercer profissões inseridas no grupo do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (≤ 1.º CEB – 48,5% e ensino superior – 51,5%), “técnicos e profissionais de nível intermédio” (≤ 1.º CEB – 8,9% e ensino superior – 11,8%) e “especialistas das atividades intelectuais e científicas” (≤ 1.º CEB – 1,0% e ensino superior – 7,3%).

Os jovens cujas famílias são detentoras de um nível de escolaridade mais baixo são os que mais executavam profissões integradas no grupo dos “trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificies” (≤ 1.º CEB – 11,0% e ensino superior – 4,5%) e “trabalhadores não qualificados” (≤ 1.º CEB – 11,7% e ensino superior – 8,0%).

Analisando a articulação entre a profissão desempenhada e o projeto profissional futuro

constata-se que 70,4% dos respondentes admite não existir essa relação. Os jovens que frequentavam os cursos de educação e formação e os cursos profissionais são os que mais afirmam existir articulação entre profissão atual e futura (41,4% e 36,2%) (Figura 29).

Figura 29 – Jovens por relação entre profissão atual e projeto profissional futuro (%)

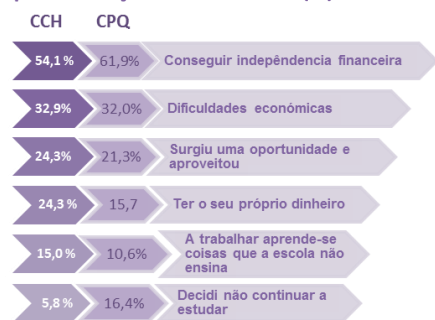


Nota:

(1) N=5854

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os motivos que levam os inquiridos a ingressar no mercado de trabalho não variam muito por tipo de certificação verificando-se que existe uma primazia nas questões económicas. Se os jovens dos cursos profissionalmente qualificantes valorizam mais o conseguir independência financeira (61,9%) e decidiram não continuar a estudar (16,4%), para os dos cursos científico-humanísticos começaram a trabalhar porque surgiu uma oportunidade que decidiram aproveitar (24,3%), queriam ter o seu próprio dinheiro apesar de a família não ter dificuldades económicas (24,3%) e consideram que a trabalhar aprende-se coisas que a escola não ensina (Figura 30).

Figura 30 – Jovens segundo o tipo de certificação, por razões para começarem a trabalhar (%)

Nota:

(1) N=5862

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

As diferenças são grandes quando se analisa por nível de escolaridade verificando-se que, quanto mais baixas são as habilitações escolares dos responsáveis dos jovens, mais estes começam a trabalhar para conseguir independência financeira ($\leq 1.^\circ$ CEB – 62,0% e ensino superior – 47,4%) e por terem dificuldades económicas ($\leq 1.^\circ$ CEB – 40,5% e ensino superior – 20,8%) (Quadro 12).

Nos dados recolhidos em 2013 estas razões eram mais valorizadas pelos inquiridos com famílias mais escolarizadas (conseguir independência financeira - 52,8% com ensino superior face a 47,4% com $\leq 1.^\circ$ CEB e ter dificuldades económicas – 32,9% com ensino superior face a 20,8% com $\leq 1.^\circ$ CEB).

Quadro 10 – Jovens segundo o nível de escolaridade dominante na família, por razões para começarem a trabalhar (%)

RAZÕES PARA COMEÇAR A TRABALHAR	\leq ao 1.º CEB	Entre o 2.º e o 3.º CEB	Ensino Secundário	Ensino Superior
Conseguir independência financeira	62,0	60,3	58,4	47,4
Dificuldades económicas	40,5	33,3	32,0	20,8
Surgiu uma oportunidade e aproveitou	20,1	22,2	22,9	28,5
Decidir não continuar a estudar	16,0	14,1	7,8	2,8
Ter o meu próprio dinheiro, apesar da família não ter dificuldades económicas	15,4	18,2	21,0	32,2
A trabalhar aprende-se coisas importantes que a escola não ensina	7,4	11,5	12,8	22,7
Não conseguir entrar no ensino superior	7,4	8,2	9,5	6,4
Ajudar no negócio familiar	5,1	5,3	5,4	4,8
Outra razão	3,1	4,5	5,1	7,0
Total	100	100	100	100

Nota:

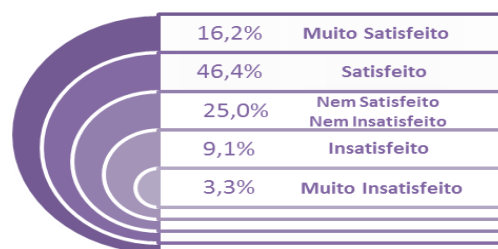
(1) N=5561

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Para os jovens oriundos de famílias com recursos escolares mais altos o ingresso no mercado de trabalho é justificado pelas oportunidades que surgiram ($\leq 1.^\circ$ CEB – 20,1% e ensino superior – 28,5%), ter o seu próprio dinheiro apesar de a família não ter dificuldades económicas ($\leq 1.^\circ$ CEB – 15,4% e ensino superior – 32,2%) e aprender coisas importantes que a escola não ensina ($\leq 1.^\circ$ CEB – 7,4% e ensino superior – 22,7%).

Importa ainda destacar que 16,0% de inquiridos provenientes de agregados familiares menos escolarizados começaram a trabalhar porque decidiram deixar de estudar (face ao ensino superior – 2,8%). Estes dados são opostos aos resultados de 2013, onde eram os respondentes cujas famílias tinham formação superior que mais consideravam integrar o mercado de trabalho porque tinham decidido deixar de estudar ($\leq 1.^\circ$ CEB – 10,2% e ensino superior – 19,3%).

A maioria dos jovens refere estar satisfeito ou muito satisfeito com o seu trabalho (46,4% e 16,2%), constatando-se que apenas 3,3% admitem estar muito insatisfeitos (Figura 31).

Figura 31 – Grau de satisfação dos jovens face ao trajeto profissional (%)

Nota:

(1) N=5862

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

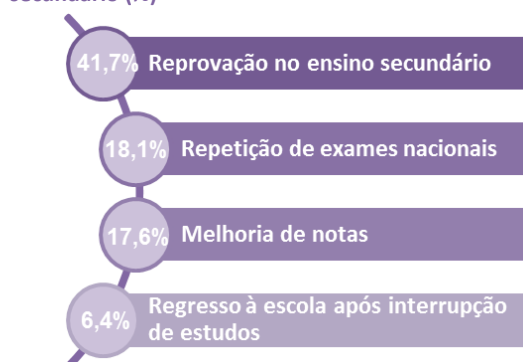
Repetências no secundário

Apesar de ser expectável que os inquiridos tivessem terminado o ensino secundário no momento da recolha deste inquérito, constata-se que 5,6% (1080 alunos) ainda se encontravam neste nível de ensino 14 meses após a data prevista de conclusão.

Destes, a grande maioria (cerca de 90%) encontrava-se a frequentar cursos científico-humanísticos e os restantes cursos de cariz profissionalizante.

O facto de terem reprovado (41,7%), estarem a repetir os exames nacionais para o acesso ao ensino superior (18,1%) e estarem a fazer melhoria de notas (17,6%) são as razões mais apontadas para os jovens ainda estarem a frequentar o ensino secundário (Figura 32).

Figura 32 – Jovens por razão para a inscrição no ensino secundário (%)



Nota:

(1) N=1080

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os jovens dos cursos científico-humanísticos são aqueles que mais referiram estar a fazer o secundário porque reprovaram (43,5%) e tinham de repetir os exames nacionais de acesso ao ensino superior (19,6%) (Figura 33). Os motivos pelos quais os dos cursos profissionalmente qualificantes estavam a frequentar este nível de ensino são mais diversificados, destacando-se 26,9% que reprovaram, 22,7% encontravam-se

a fazer melhoria de notas e 20,2% regressaram à escola após terem interrompido os estudos.

Figura 33 – Jovens segundo a razão para a inscrição no ensino secundário, por tipo de certificação no secundário (%)



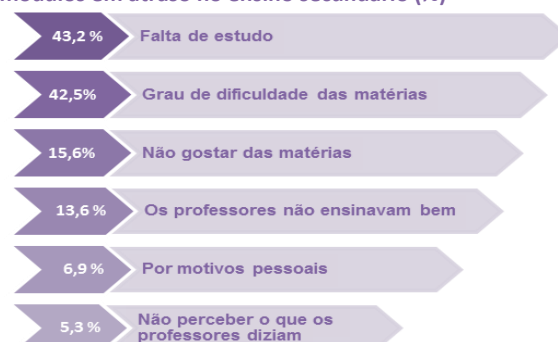
Nota:

(1) N=1080

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os motivos que levaram os jovens a reprovar ou terem módulos em atraso (41,7% encontravam-se nesta situação – Figura 32) são: a falta de estudo (43,2%), o grau de dificuldade das matérias (42,5%), o não gostarem das matérias (15,6%) e porque os professores não ensinavam bem (13,6%) (Quadro 34).

Figura 34 – Jovens por razões para reprovar ou ter módulos em atraso no ensino secundário (%)



Nota:

(1) N=449

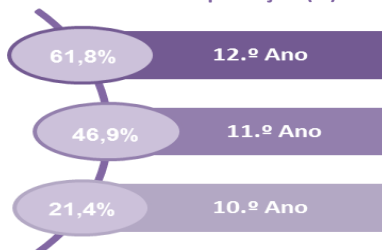
(2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os anos escolares com maior reprovação no secundário foram o 12.º ano (61,8%) e o 11.º ano (46,9%) (Figura 35). Comparando-se estes dados com os de 2013, verificam-se grandes diferenças, existindo uma diminuição no número

de jovens que reprovaram no 12.^o ano (77,2%) e um aumento dos que reprovaram no 11.^o ano (37,6%) e no 10.^o ano (21,4% face a 10,8%).

Figura 35 – Jovens que reprovaram no ensino secundário por ano de escolaridade da reprovação (%)



Nota:

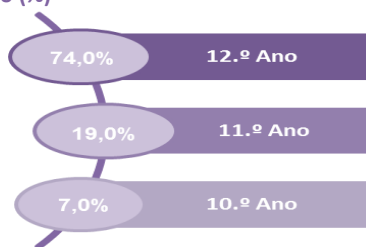
(1) N=448

(2) Este quadro refere-se a uma pergunta de resposta múltipla

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Cerca de $\frac{3}{4}$ dos inquiridos encontravam-se a frequentar o 12.^o ano aquando do preenchimento deste questionário (Figura 36). Os 26,0% que deveriam estar a terminar o ensino secundário, ainda se encontravam a frequentar o 10.^o e o 11.^o ano, o que poderá estar relacionado com uma mudança de modalidade de ensino e/ou curso.

Figura 36 – Jovens por ano de frequência no ensino secundário (%)



Nota:

(1) N=811

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

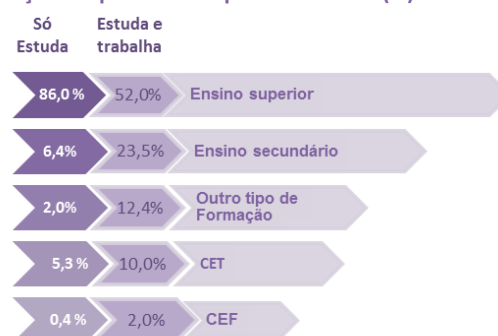
Comparando com os dados de 2013 existe um aumento de jovens a frequentar o 12.^o ano letivo (67,9%) e uma redução no 11.^o ano (20,0%) e 10.^o ano (12,1%)

Trajeto escolar e profissional dos trabalhadores estudantes

De seguida analisa-se os 6,6% de respondentes que estavam numa situação de trabalhadores-estudantes, ou seja, que se encontravam a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo, independentemente de terem ou não concluído o ensino secundário.

As formações mais frequentadas por estes inquiridos eram o ensino superior (52,0%) e o ensino secundário (23,5%) (Figura 37). Comparando estes jovens com os que só estudam verificam-se diferenças, uma vez que os trabalhadores-estudantes tendem a frequentar mais formações pós-secundárias não superiores (24,4% face a 7,7%).

Figura 37 – Jovens segundo atividade realizada por formação frequentada no pós-secundário (%)



Nota:

(1) N= 14193

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

A análise por tipo de certificação revela que são os trabalhadores estudantes dos cursos científico-humanísticos que mais frequentaram o ensino superior (54,7%) e o ensino secundário (28,8%), enquanto os dos cursos profissionais optaram mais por formações pós-secundárias não superiores (CET – 22,4% e outro tipo de formação – 18,9%) (Quadro 11). Comparando com os jovens que só estudam verifica-se que os trabalhadores-estudantes dos cursos científico-humanísticos encontravam-se a

frequentar mais o ensino secundário (28,8% face a 6,4%) ou outro tipo de formação (9,8% face a 1,6%). No caso dos cursos profissionais as formações frequentadas pelos trabalhadores estudantes recaem menos no ensino superior (45,4% face a 65,1%) e mais no ensino secundário (10,4% face a 6,6%) e noutro tipo de formação (18,9% face a 4,8%).

Quadro 11 – Jovens segundo atividade realizada e tipo de certificação, por formação frequentada no pós-secundário (%)

FORMAÇÃO FREQUENTADA	Só estudam		Estudam e Trabalham	
	CCH	CPQ	CCH	CPQ
Ensino Superior	88,6	65,1	54,7	45,4
Ensino Secundário	6,4	6,6	28,8	10,4
CET - Pós-secundário	3,1	22,3	5,0	22,4
Outro tipo de formação	1,6	4,8	9,8	18,9
CEF - Tipo 7	0,3	1,2	1,7	3,0
Total	100	100	100	100

Nota:

(1) N=14193

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2013.

Quando questionados com o seu grau de satisfação face ao trajeto escolar, a maioria declarou-se satisfeito (59,7%) ou muito satisfeito (22,6%), existindo apenas 6,1% que admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos (Figura 38). Os trabalhadores-estudantes comparativamente com os jovens que só estudam revelam um ligeiro decréscimo no grau de satisfação (82,5% face a 86,9% satisfeitos/muito satisfeitos)

Figura 38 – Grau de satisfação dos jovens face ao trajeto escolar no pós-secundário, segundo a atividade realizada (%)



Nota:12589

(1) N=917

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os trabalhadores estudantes mais satisfeitos são os que frequentavam o ensino superior (86,0%) (Quadro 14). De realçar, a indiferença dos inquiridos que frequentavam os cursos de especialização profissional pós-secundários (CEF – 17,4% e CET – 17,1%).

Quadro 12 – Grau de satisfação dos jovens face ao trajeto escolar no pós-secundário segundo a formação frequentada no pós-secundário (%)

GRAU DE SATISFAÇÃO FACE AO TRAJETO ESCOLAR	CEF - Tipo 7	CET - Pós-secundário	Ensino Superior
Muito insatisfeito	0,0	1,8	1,3
Insatisfeito	4,3	2,7	3,9
Nem satisfeito nem insatisfeito	17,4	17,1	8,8
Satisfeito	43,5	61,3	60,9
Muito satisfeito	34,8	17,1	25,1
Total	100	100	100

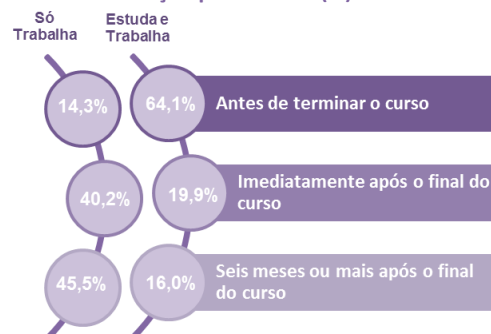
Nota:

(1) N=917

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Cerca de 2/3 dos jovens trabalhadores estudantes integraram o mercado de trabalho antes de terminarem o ensino secundário (64,1%), ao contrário dos que só trabalham que realizam-no imediatamente após o final do curso (40,2%) ou seis meses ou mais após o final do curso (45,5%) (Figura 39).

Quadro 39 – Jovens segundo a atividade realizada por momento de inserção profissional (%)



Nota:

(1) N=3549

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os que frequentavam o ensino superior e o ensino secundário são os que mais começaram a trabalhar antes de terminarem o ano letivo de

2012/13 (72,9% e 64,3%) (Figura 40). Os jovens dos cursos de especialização profissional (CET e CEF) são os que mais integraram o mercado de trabalho após terminarem o ensino secundário, quer seja imediatamente após o final do curso (37,4% e 33,3%) ou seis ou mais meses após o final do curso (17,8% e 33,3%).

Figura 40 – Jovens segundo a formação frequentada no pós-secundário, por momento de inserção profissional (%)

	Ensino Superior	CET	CEF	Ensino Secundário
Antes de terminar o curso	72,9	44,9	33,3	64,3
Imediatamente após o final do curso	14,1	37,4	33,3	19,7
6 meses ou mais após o final do curso	12,9	17,8	33,3	16,0

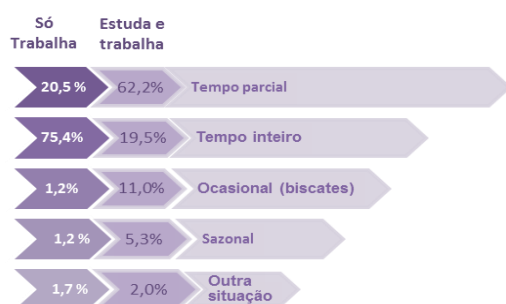
Nota:

(1) N=1094

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Analisando a condição perante o trabalho constata-se que a maioria dos trabalhadores estudantes trabalhava a tempo parcial (62,2%), seguindo-se os que desempenhavam funções a tempo inteiro (19,5%) e os que realizavam trabalhos pontuais (11,0%) (Figura 41). Comparando com os jovens que só trabalham, tal como seria de esperar, $\frac{3}{4}$ dos jovens encontram-se a trabalhar a tempo inteiro (75,4%).

Figura 41 – Jovens segundo atividade realizada por condição perante o trabalho (%)



Nota:

(1) N=3552

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Por formação frequentada no pós-secundário as diferenças não são grandes, verificando-se que os trabalhadores estudantes que frequentam o ensino superior e o ensino secundário são os que mais trabalharam a tempo parcial (68,7% e 61,4%), enquanto os dos cursos de especialização profissional (CET e CEF) são os que mais desempenhavam funções a tempo inteiro (30,8% e 27,8%) ou de forma ocasional (14,0% e 16,7%) (Quadro 15).

Quadro 13 – Jovens, segundo a formação frequentada, por condição perante o trabalho (%)

CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO	Ensino Superior	CET - Pós-secundário	CEF - Tipo 7	Ensino Secundário
Tempo parcial	68,7	49,5	50,0	61,4
Tempo inteiro	13,8	30,8	27,8	17,6
Ocasional (biscates)	10,2	14,0	16,7	12,9
Sazonal	5,3	2,8	5,6	6,6
Outra situação	1,9	2,8	-	1,5
Total	100	100	100	100

Nota:

(1) N=1100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os trabalhadores estudantes desempenhavam profissões na sua maioria integradas no grande grupo profissional do “pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” (54,9%), dos “técnicos e profissionais de nível intermédio” (12,1%) e do “pessoal administrativo e similares” (10,6%) (Quadro 16).

Quadro 14 – Trabalhadores estudantes por grande grupo profissional do jovem (%)

GRANDE GRUPO PROFISSIONAL DO JOVEM	%
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes e gestores executivos	3,7
Especialistas das atividades intelectuais e científicas	6,1
Técnicos e profissionais de nível intermédio	12,1
Pessoal administrativo	10,6
Pessoal dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores	54,9
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	0,9
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificies	4,6
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	1,0
Trabalhadores não qualificados	6,1
Total	100

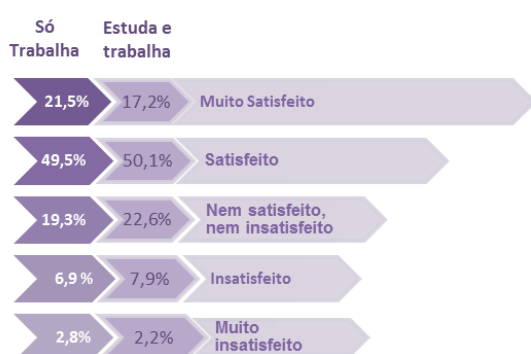
Nota:

(1) N=962

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Por fim, procurou-se saber o grau de satisfação destes inquiridos face ao trajeto escolar constatando-se que 50,1% está satisfeito e 17,2% muito satisfeito (Figura 42). Apesar das diferenças serem ténues, os alunos que só trabalham demonstraram estar mais satisfeitos com o seu trajeto profissional (49,5% - satisfeito e 21,5% muito satisfeito).

Figura 42 – Grau de satisfação dos jovens trabalhadores-estudantes face ao trajeto profissional, segundo atividade realizada (%)



Nota:

(1) N=3552

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

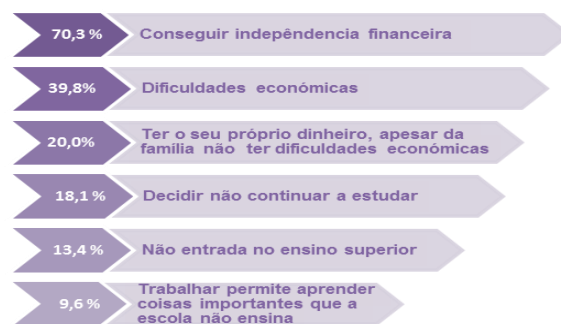
Face ao grau de satisfação com o percurso escolar (Figura 38), observa-se que os trabalhadores estudantes se encontravam mais insatisfeitos com o seu percurso profissional (10,1% face a 6,1%) e numa posição neutra (nem satisfeito nem insatisfeito) (22,6% face a 11,7%).

Trajeto de transição

Os jovens que, no momento da inquirição, não estudavam nem trabalhavam foram identificados como trajetos de transição e/ou indefinidos, existindo 9,5% que já não estudavam mas encontravam-se à procura de emprego.

As razões económicas são as mais referenciadas pelos jovens para justificar a sua integração no mercado de trabalho, destacando a necessidade de terem a sua independência financeira (70,3%), dificuldades económicas (39,8%) e ter o seu próprio dinheiro apesar da família não ter dificuldades económicas (20,0%) (Figura 43).

Figura 43 – Jovens por razões para querer começar a trabalhar (%)



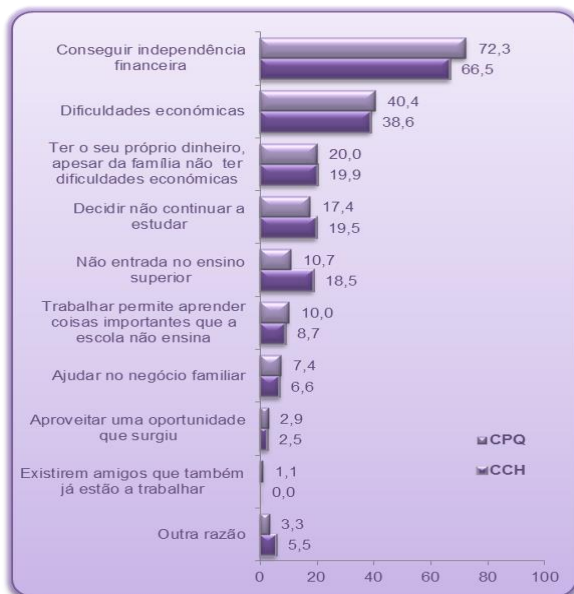
Nota:

(1) N=1853

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Por tipo de certificação as diferenças são mínimas, destacando-se os jovens dos cursos profissionalmente qualificantes que integraram o mercado de trabalho para ter independência financeira (72,3% face a 66,5%), enquanto os dos cursos científico-humanísticos começaram a trabalhar porque não entraram no ensino superior (18,5% face a 10,7%) e decidiram não continuar a estudar (19,5% face a 17,4%) (Figura 44).

Figura 44 – Jovens segundo o tipo de certificação no secundário, por razões para quererem começar a trabalhar (%)



Nota:

(1) N=1853

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

As medidas que os jovens mais recorreram para conseguir um emprego foram pedir ajuda a amigos ou familiares (81,2%), realizar candidaturas espontâneas (75,6%), inscrição no centro de emprego (74,3%) e a resposta a anúncios que não concursos públicos (47,8%) (Figura 45).

Quadro 45 – Medidas tomadas pelos jovens para conseguir um emprego (%)



Nota:

(1) N=1845

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Concorrer a um concurso público (13,9%) e pedir ajuda aos professores (14,7%) foram as medidas menos utilizadas pelos inquiridos para conseguirem integrar o mercado de trabalho.

Representações e avaliações

De seguida analisa-se as representações e avaliações que os jovens fazem quanto à sua passagem pelo ensino secundário.

Questionados sobre os principais objetivos deste nível de ensino, a maioria considera que o ensino secundário prepara os jovens para a vida profissional (72,0%), prepara para o ensino superior (56,0%), permite adquirir maior conhecimento sobre diferentes matérias (23,4%) e prepara os alunos para participarem em sociedade (17,2%) (Figura 46).

Figura 46 – Jovens por objetivos do ensino secundário (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014

Enquanto os jovens dos cursos profissionais e dos cursos tecnológicos consideraram que o ensino secundário tem como principal objetivo a preparação dos alunos para a vida profissional (88,9% e 78,6%), os dos cursos de educação e formação referiram que prepara para o ensino superior (75,0%) (Quadro 17).

Quadro 15 – Jovens segundo a modalidade frequentada no secundário, por objetivos do ensino secundário (%)

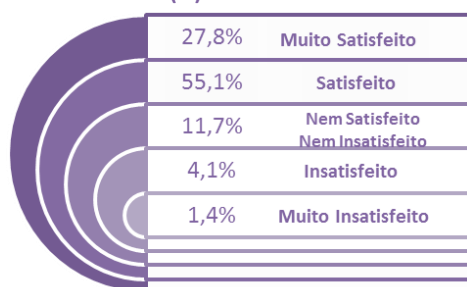
OBJETIVOS DO SECUNDÁRIO	CCH	CT	EAE	CEF	CP
Preparar os alunos para a vida profissional	66,4	78,6	52,5	50,0	88,9
Preparar os alunos para o ensino superior	62,5	57,9	49,2	75,0	36,2
Adquirir um conhecimento mais aprofundado sobre diferentes matérias	25,2	15,2	31,4	50,0	18,5
Preparar os alunos para participarem em sociedade	16,9	17,1	16,1	0,0	18,0
Desenvolver o espírito crítico e a criatividade dos alunos	12,7	8,8	36,4	0,0	14,0
Escolher só os melhores alunos para o ensino superior	2,0	3,3	0,0	25,0	1,6
Outro objectivo	7,7	9,3	8,5	0,0	10,6
Total	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014

Os do ensino artístico especializado são os que mais consideraram que o secundário permite desenvolver o espírito crítico e a criatividade dos alunos (36,4%) e adquirir um conhecimento mais aprofundado sobre as diferentes matérias (31,4%).

A maioria dos inquiridos encontra-se satisfeito (55,1%) ou muito satisfeito (27,8%) com o curso frequentado no ensino secundário, existindo apenas 5,5% de jovens que se encontram insatisfeitos (Figura 47).

Figura 47 – Grau de satisfação dos jovens face ao curso do ensino secundário (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2013.

Por modalidade frequentada as diferenças são mínimas, constatando-se que são os jovens dos cursos tecnológicos ou do ensino artístico especializado que se encontram mais satisfeitos (87,4% e 87,3%) (Quadro 18).

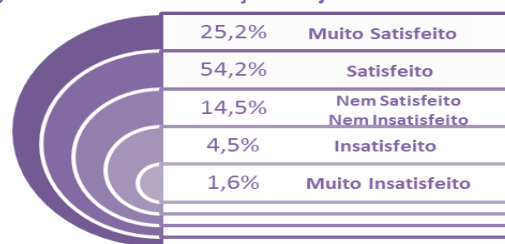
Quadro 16 – Grau de satisfação dos jovens face ao curso do ensino secundário, segundo a modalidade frequentada no secundário (%)

GRAU DE SATISFAÇÃO FACE AO CURSO	CCH	CT	EAE	CEF	CP
Muito satisfeito	24,9	43,3	47,2	28,6	34,7
Satisfeito	57,9	44,1	40,1	57,1	47,6
Nem satisfeito nem insatisfeito	12,0	6,2	7,0	14,3	11,5
Insatisfeito	4,1	3,7	2,1	-	4,1
Muito insatisfeito	1,1	2,7	3,5	-	2,1
Total	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Apesar de um ligeiro decréscimo, os resultados são muito idênticos quando se analisa a satisfação face à escola, existindo 54,2% dos jovens satisfeitos e 25,2% muito satisfeitos, (Figura 48).

Figura 48 – Grau de satisfação dos jovens face à escola (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os jovens que frequentavam o ensino artístico especializado e os cursos de educação e formação são os que se encontravam mais satisfeitos com a escola (85,2% e 85,7%) (Quadro 19). Apesar de estarem satisfeitos, os dos cursos científico-humanísticos e dos cursos tecnológicos são os que mais se encontravam numa posição neutra (15,0% e 10,8%) ou de insatisfação (6,2% e 6,8%) (Quadro 19).

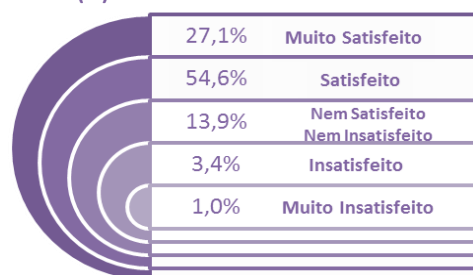
Quadro 17 – Grau de satisfação dos jovens face à escola segundo a modalidade frequentada no secundário (%)

GRAU DE SATISFAÇÃO FACE À ESCOLA	CCH	CT	EAE	CEF	CP
Muito satisfeito	23,7	27,3	39,4	32,1	29,6
Satisfeito	55,1	55,1	45,8	53,6	51,1
Nem satisfeito nem insatisfeito	15,0	10,8	9,9	7,1	13,3
Insatisfeito	4,7	5,4	2,8	7,1	3,9
Muito insatisfeito	1,5	1,4	2,1	-	2,0
Total	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Quando se questiona os jovens sobre o grau de satisfação com os professores, mais uma vez as respostas são muito idênticas às anteriores constatando-se que 54,6% estavam satisfeitos e 27,1% estavam muito satisfeitos (Figura 49).

Figura 49 – Grau de satisfação dos jovens em relação aos professores (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os inquiridos dos cursos profissionais (86,8%), cursos tecnológicos (85,5%) e ensino artístico especializado (85,9%) são os que estão mais satisfeitos com os professores (Quadro 20). Os que mais se encontravam numa posição neutra (15,3% e 14,3%) ou de insatisfação (7,1% e 4,7%) são os dos cursos científico-humanísticos e dos cursos de educação e formação.

Quadro 18 – Grau de satisfação dos jovens em relação aos professores segundo a modalidade frequentada no secundário (%)

GRAU DE SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO AOS PROFESSORES	CCH	CT	EAE	CEF	CP
Muito satisfeito	22,6	31,7	36,6	17,9	40,8
Satisfeito	57,4	53,8	49,3	60,7	46,0
Nem satisfeito nem insatisfeito	15,3	10,1	9,9	14,3	9,9
Insatisfeito	3,7	2,9	3,5	7,1	2,2
Muito insatisfeito	1,0	1,4	0,7	-	1,1
Total	100	100	100	100	100

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

As competências adquiridas ao longo do ensino secundário são valorizadas de forma crescente no ensino superior ou na integração do mercado de trabalho. As competências que os jovens mais consideram ter desenvolvido durante o secundário são: permitir trabalhar de forma autónoma (93,5%), ajudar a assumir responsabilidades (92,9%), melhorar o

planeamento, coordenação e organização (88,7%), ajudar a tomar decisões (88,5%) e ajudar na comunicação oral e escrita (88,1%) (Quadro 21). O funcionamento das organizações (74,4%) e a liderança (71,4%) são as competências menos desenvolvidas.

Quadro 19 – Jovens segundo o tipo de certificação no secundário, por competências desenvolvidas no curso frequentado (%)

COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS NO CURSO FREQUENTADO	Total	CCH	CPQ
Trabalhar de forma autónoma	93,5	93,3	94,2
Assumir responsabilidades	92,9	92,2	94,9
Planeamento, coordenação e organização	88,7	87,4	92,6
Tomar decisões	88,5	87,1	92,3
Comunicação oral e escrita	88,1	87,3	90,2
Trabalhar em equipa	88,0	85,7	94,4
Pensamento crítico	87,5	87,5	87,4
Síntese	84,6	85,2	82,8
Técnica e domínio de técnicas e tecnologias	84,2	81,5	92,2
Negociação/argumentação	75,8	74,3	79,9
Conhecimentos sobre o funcionamento de organizações	74,4	70,1	86,5
Liderança	71,4	68,9	78,5

Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Os jovens dos cursos profissionalmente qualificantes são os que mais avaliaram positivamente as diversas competências adquiridas durante o curso, com exceção do poder de síntese e do pensamento crítico (Quadro 21).

As competências com maiores disparidades entre os inquiridos dos cursos profissionalmente qualificantes e dos cursos científico-humanísticos são: conhecimento sobre o funcionamento das organizações (86,5% face a 70,1%), técnica e domínio de técnicas e de tecnologias (92,2% face a 81,5%), capacidade de trabalhar em equipa (94,4% face a 85,7%).

Para terminar analisou-se se os jovens consideram que o ensino secundário os prepara no prosseguimento de estudos e na integração no mercado de trabalho. Sendo esta uma etapa

fundamental na passagem para o ensino superior ou para outras formações pós-secundárias, 91,5% dos inquiridos considera que este nível de ensino os prepara para o prosseguimento estudos (Figura 50).

Figura 50 – Jovens por vantagens da conclusão do secundário para o prosseguimento de estudos (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Questionados sobre a vantagem deste nível de ensino na integração no mercado trabalho, a opinião é similar constatando-se que 88,0% considera que concluir o secundário é importante no trabalho a desenvolver (Figura 51).

Figura 51 – Jovens por vantagens da conclusão do secundário para a inserção profissional (%)



Fonte: DGEEC/MEC, OTES: Jovens no pós-secundário 2014.

Principais conclusões

O inquérito teve uma taxa de resposta que se pode considerar razoável (32,1%) tendo em conta que foi aplicado já fora do ambiente escolar e mediante contacto por e-mail. Com um

total de 19.406 respondentes, este é, de entre todas as edições do inquérito “jovens no pós-secundário”, aquele com maior número de respondentes. Tal decorreu do facto de se dispor pela primeira vez de uma coorte completa de jovens que participou nos 3 inquéritos: “estudantes à entrada do secundário”, em 2010/11, “estudantes à saída do secundário”, em 2012/13 e “jovens no pós-secundário”, em outubro de 2014.

Tal como nas edições anteriores deste inquérito, a taxa de participação tem tendência a ser diferenciada consoante o tipo de modalidade frequentada no ensino secundário: 37,5% entre os jovens que frequentaram CCH e 23,0% entre os jovens que frequentaram percursos de índole profissionalizante. Tal determina a apresentação dos principais resultados de uma forma desagregada de acordo com o tipo de modalidade frequentada pelos respondentes no ensino secundário.

Assim, relativamente aos jovens que frequentaram cursos científico-humanísticos, as respostas ao inquérito permitem-nos dizer que:

- Têm um reduzido histórico de repetência pois a maioria (60,6%) tinha 19 anos ou menos no momento em que responderam ao inquérito e apenas 7,8% tinha mais de 20 anos.
- São oriundos, maioritariamente, de famílias com ensino secundário (29,4%) ou ensino superior (28,1%).
- Quanto à média das classificações obtidas no secundário, é nos CCH que há uma maior percentagem de classificações mais baixas, entre 10 e 14 valores, (59,8%) e, também, a maior percentagem de classificações mais altas, entre 18 e 20 valores, (9,4%).
- A grande maioria (87,7%) dos respondentes encontrava-se a estudar (81,3% só a estudar e 6,4% a estudar e a trabalhar), 11,9%

encontrava-se a trabalhar (5,5% só trabalhava, não estando a estudar) e 4,8% não estudava e procurava emprego. Por comparação com os resultados do inquérito aplicado em 2013, a percentagem de jovens que se encontrava a estudar baixou 1,1 pontos percentuais (pp) e a percentagem dos que se encontravam a trabalhar subiu 3,9 pp.

- Para os que se encontravam a estudar, as razões para tal dividem-se entre “melhorar a possibilidade de encontrar emprego” (47,8%) e “poder exercer a profissão desejada” (44,2%).

- A quase totalidade (95,9%) encontrava-se a estudar no Ensino Superior, estando os restantes em CET (3,7%) e CEF (0,4%).

- Entre os 11,9% que se encontrava a trabalhar, a maioria (59,9%) iniciou atividade profissional antes de terminar o secundário e 23,4% imediatamente após terminar. De notar ainda que apenas 30% se encontrava a trabalhar a tempo inteiro.

- As principais razões apontadas para a inserção no mercado de trabalho foram “conseguir independência financeira” (54,1%) e “dificuldades económicas” (32,9%).

- Constatou-se também que cerca de 7% destes respondentes ainda se encontravam a frequentar o ensino secundário à data a que responderam ao inquérito, ou seja, 14 meses após os 3 anos previstos para a conclusão do secundário. A principal razão foi a reprovação, embora tenham sido apontados também outros motivos como a necessidade de repetir exames de acesso ao ensino superior.

- Entre os respondentes que frequentaram cursos científico-humanísticos, apenas 6,4 % afirmaram ser trabalhadores-estudantes verificando-se uma maior incidência desta conjugação no grupo dos que se encontravam a repetir o ensino secundário (28,8%) por

comparação com o que se passa entre os que apenas estudam, onde há apenas 6,4% a repetir o secundário.

- Para os jovens que frequentaram cursos científico-humanísticos, o ensino secundário teve dois principais objetivos a “preparação dos alunos para o ensino superior” e a “preparação dos alunos para a vida profissional” De salientar, também, o elevado grau de satisfação face ao curso frequentado (82,8% manifestaram um grau de satisfação positivo ou muito positivo) e o elevado grau de satisfação face à escola e face aos professores (78,8% [escola] e 80,0% [professores] manifestaram um grau de satisfação positivo ou muito positivo).

Quanto aos jovens que frequentaram cursos profissionais, são as seguintes as principais conclusões:

- São jovens que revelam algum histórico de repetência pois apenas cerca de 1 em 5 tinha 19 anos ou menos no momento em que responderam ao inquérito e 44,2% tinha mais de 20 anos.

- São oriundos, maioritariamente, de famílias com o 3.º ciclo do ensino básico ou menos (69,2%).

- Os jovens que frequentaram cursos profissionais obtiveram classificações médias que se distribuem de forma uniforme nos escalões 10-14 valores (48,9%) e 15-17 valores (47,8%).

- 45,6% encontravam-se a trabalhar e 29,5% encontravam-se a estudar, sendo que 6,6% conjugavam o estudo com o trabalho. De notar ainda que 26,6% procurava emprego e não estava a estudar. Por comparação com os resultados do inquérito aplicado em 2013, a percentagem de jovens que se encontrava a trabalhar subiu 6,1 pontos percentuais (pp) e a

percentagem dos que se encontravam a estudar baixou 3,6 pp.

- Para os que se encontravam a estudar, as razões para tal dividem-se entre “melhorar a possibilidade de encontrar emprego” (54,1%) e “poder exercer a profissão desejada” (30,2%).

- A maioria (64,5%) encontrava-se a estudar no Ensino Superior, estando os restantes em CET (33,2%) e CEF (2,2%).

- Apenas 2% destes respondentes se encontravam ainda a frequentar o ensino secundário à data a que responderam ao inquérito. Não há uma razão principal para este facto, tendo os respondentes referido a reprovação (26,9%), a melhoria de notas (22,7%) e o regresso à escola após um interregno (20,2%).

- Entre os respondentes que frequentaram cursos profissionalmente qualificantes, apenas 6,6 % afirmaram ser trabalhadores-estudantes verificando-se uma menor incidência desta conjugação no grupo dos que se encontram a frequentar o ensino superior (45,4%) por comparação com o que se passa entre os que apenas estudam onde há 65,1% a frequentar o ensino superior.

- Para os jovens que frequentaram cursos profissionais, o ensino secundário teve como principal objetivo a “preparação dos alunos para a vida profissional” (88,9%). De salientar, também, o elevado grau de satisfação face ao curso frequentado (82,3% manifestaram um grau de satisfação positivo ou muito positivo) e o elevado grau de satisfação face à escola e face aos professores (80,7% [escola] e 86,8% [professores] manifestaram um grau de satisfação positivo ou muito positivo).

METODOLOGIA

Os dados apresentados resultam da aplicação do questionário “Jovens no pós-secundário - 2014”, realizado entre outubro de 2014 e abril de 2015 no âmbito do acompanhamento dos trajetos escolares dos estudantes no ensino secundário.

Este questionário foi enviado *on-line* através de correio eletrónico para os jovens que responderam ao inquérito “Estudantes à entrada do secundário 2010-11” e “Estudantes à saída do secundário 2012-13”.

O questionário “Jovens no pós-secundário - 2014”, contou com a participação de 32,1% de Jovens (19.406 de um universo de 60.467) que frequentavam 758 escolas públicas e privadas de Portugal Continental.

À data do inquérito, as situações em que os jovens inquiridos se poderiam encontrar eram as seguintes: a frequentar o ensino pós-secundário ou ensino superior; a trabalhar; em situação de trabalhador-estudante; estar ainda a frequentar o ensino secundário, já não estar a estudar e andar à procura de emprego.

Para mais informações sobre estes dados, consultar os sumários estatísticos do inquérito em <http://www.dgeec.mec.pt/np4/47/> ou contactar a Equipa de Estudos da Educação e Ciência (EEEC/DGEEC) através do seguinte endereço eletrónico: dgeec.eeec@dgeec.mec.pt